

ORIGEM E CONTEXTUALIZAÇÃO DA FAMÍLIA DAL DEGAN

Pedro Augusto Motta Daldegan

Gallio é um pequeno comune (município) localizado no Altopiano dei Sette Comuni, uma planalto nos pré-Alpes Vicentinos, no extremo norte de Itália. Nessa região, falava-se o dialeto vêneto e a língua cimbra, uma marca de uma antiga migração de população germânica, nos tempos do Império Romano. A cidade, durante o período de Baixa Idade Média, foi parte de uma federação aliada à Sereníssima República de Veneza, a Federação dos Sete Comuni.

Segundo os arquivos vicentinos que resistiram à destruição do Altopiano na Primeira Guerra Mundial, em uma batalha do Reino da Itália contra o Império Austro-Húngaro, é aqui que, no século XVI, surgem os primeiros Dal Degan, conforme os registros de terrenos.

Segundo Mattia Emmanuele Dal Degan, em "Famiglia Dal Degan: Dai confini della Serenissima al cuore del mondo" (2022), o sobrenome surge como Dalla Costa, devido à uma característica topográfica em que a família vivia, existente até hoje. Isso muda, porém, com Bartolomeo Dalla Costa (1490-1578), que se tornou Decano - uma espécie de prefeito ou líder comunitário, durante tempo significativo, sendo dono de rebanhos de ovelhas e também agrimensor. Seus numerosos filhos, frutos de dois casamentos, como consta em seu testamento, foram chamados, então, de Dal ou Del Degan, cotidianamente, significando filhos do Decano, na pronúncia dos dialetos da região - mais informações em Dal Degan (2022).

SOBRE OS DAL DEGAN QUE PERMANECERAM EM GALLIO (VI)

Percebe-se, pelos arquivos, a ligação com a agricultura e pastoreio na família, desde os seus primeiros integrantes documentados, não muito diferente das famílias nas eras pré-industriais, especialmente nos Alpes. A estabilidade regional, longe de tantos conflitos que afligiam as cidades-estados da Itália medieval, garantia a manutenção do estilo de vida pastoralista, sem grandes influências externas. Essa relativa estabilidade política de Gallio e dos Sete Comuni passou, porém, por um gravíssimo baque, que resultou na destruição das estruturas governamentais existentes e a subordinação a um reino único: esses eventos foram as Invasões Napoleônicas de 1796.

A partir desses eventos, as migrações internas se tornaram muito mais frequentes naquela região, com notada aparência de empobrecimento frente a um início de uma Revolução Industrial. É nesse contexto que nasce Nicolò Dal Degan, no início da década de 1790, casado, provavelmente, com Domenica Fraccaro, viveu, até 1872, o suficiente para ver familiares migrando para regiões mais financeiramente estáveis da Itália e também para a França, além da unificação do Reino da Itália em 1861.

Seu filho, Pietro (1827-?), fazendeiro, viu ainda mais de perto os eventos de um mundo em constante mudança. Casou-se com Domenica Rigon (1825-1887), nascida no comune próximo de Asiago. A situação econômica e novas oportunidades no "Novo Mundo", porém, fizeram com que um de seus filhos, Bernardo Giuseppe Cristiano Dal Degan, que havia migrado internamente para Padova, logo após seu casamento, em 1895, com Maria Luigia Toffaccini, imigrassem para um desconhecido Brasil.

Muitos dos imigrantes italianos eram atraídos por promessas falsas ao chegarem no Brasil, confinando-os, rapidamente, a uma situação análoga a escravidão, como nas plantações de café no estado de São Paulo. Outros tantos, porém, eram capazes de iniciar, de fato, vida nova e livre. A vida com o trabalho cafeeiro caracterizou a vida de Bernardo Giuseppe Cristiano, no Brasil conhecido por, somente, José. Viveu em diversas cidades paulistas, como Cabreúva e Jundiaí, onde viria a falecer sua esposa, Maria Luigia, em 18/12/1918. Já com idade relativamente avançada para a época, transferiu-se para Quatiguá, no Paraná, onde viria a falecer na Fazenda Chapadaí em 6 de outubro de 1939.

José teve os seguintes filhos: Rina, Adele, Pedro (1904-1993), casado com Carmen Ruiz, Antonio, João, Recieri José (1909-?) e Benedito (1914-1979), casado com Maria Muraro.

Todos esses eram casados e residiam em Quatiguá, Paraná, na ocasião da morte do patriarca, que faleceu sem deixar bens.

Como havia detalhado, existem duas famílias Dal Degan originadas de Gallio, o comune vicentino, de mesma origem de nome e de mesmos antepassados, originários comuns. Abordarei, então, os Dal Degan que migraram para Verona.

BORTOLO DAL DEGAN

De acordo com Dal Degan (2022), esses descendem da linha de Bernardino (c.1660-?), Bortolamio (1695-?), Giovanni (1728-1804), Lorenzo (1759-?), por sua vez pai de Bortolo Dal Degan (1802-1883), casado com Ana Bonato, cujos filhos quase todos eram ligados ao pastoreio. Como dito na fração anterior, as condições de vida no Altopiano mudaram radicalmente após as invasões napoleônicas, com severos baques ocasionados pela mudança tributária, governamental e social dos franceses e austríacos - esses últimos que após a derrota de Bonaparte governaram a região.

Isso obrigou, segundo o já mencionado autor, uma migração sazonal para o vale do rio Pó, a "pianura Padano-Veneta", devido a natureza também do

trabalho de pastoreio desenvolvido. Essa migração sazonal, porém, como mostram os documentos do final do século XIX, tornou-se cada vez mais uma migração definitiva, com Bortolo Dal Degan e seus descendentes saindo de Gallio (VI), fixando-se nas regiões próximas a Verona, em comunas como Belfiore, Ronco all'Adige e pequenos distritos como Scardevara.

Entre 1873 o núcleo familiar de Bortolo, isto é, ele, sua esposa e seus filhos Petronilla, Giovanni Battista, Pietro e Lorenzo se estabelecem em Belfiore, o que levaria à continuidade da migração pelo filho Lorenzo, já no ano seguinte. A partir desse ano, porém, a história se torna um pouco mais nebulosa, com diversas imigrações pouco documentadas e bastante estranhas para o período.

A primeira imigração para o novo mundo desse tronco familiar aparenta ser a de Petronilla Dal Degan (1849–1922), embora não se saiba ao certo a data. Em 1890 nasce, em São João del Rei, Antônio Angelo Zansávio (Zanzávio), filho de Petronilla Dal Degan e Luigi D'Angelo Zanzavio. Antônio Angelo, porém, retorna para a Itália, tornando-se agricultor, casando-se em 1913 com Maria Luigia Mori em Zévio, apenas para, um ano depois, imigrar para a cidade de Ribeirão Claro, Paraná, cidade na qual, pelos registros documentais, residia sua mãe Petronilla. A matriarca faleceu em 14 de dezembro de 1922, na cidade de Ribeirão Claro, assim como seu filho Antônio ngelo, falecido em 11 setembro de 1968, deixando bens e os filhos: José Eduardo (1914–1979); Anna Aparecida (1915–1993); Carlos João (1917-?)João (1918-?); Marcello (1920-?); Alexandre Luiz (1922–1922); Petronilha Victoria; Angela; Francisco; Humberto. Assim, apesar do parentesco, esses Dal Degan atualmente não mantiveram o sobrenome, tendo em vista o costume italiano de adotar apenas o sobrenome paterno.

O irmão de Petronilla, Giovanni Battista Dal Degan (1844-1916), por fonte de relatos familiares, imigrou em período similar para o Brasil, com sua esposa Maria Sambugaro, não se adaptando ao clima e retornando ao país natal em pouco tempo. Cinco de seus filhos, porém, transferiram-se para o Brasil: Giuseppe, Pietro, Luigi, Catterina e Giovanni, todos nascidos na Itália. Sobre a vida desses, suas migrações (múltiplas) e de uma outra possível filha de Bortolo, irei abordar com mais detalhes na próxima postagem.

Em meados da década de 1890, uma série de migrações Itália-Brasil caracterizou a estabilização dos Daldegan no Brasil.

Já abordamos o estabelecimento de Petronilla Dal Degan no Brasil, inicialmente em São João del Rey no final da década de 1880 (provavelmente na primeira leva de imigrantes da cidade, em 1888), que deu origem aos Zanzávio de Ribeirão Claro/PR. Dessa vez, trataremos de um movimento igualmente curioso: a vinda de Giovanna Daldegan.

Giovanna Daldegan, segundo seu certificado de óbito, nasceu em 1834, no Vêneto. Seus descendentes afirmam que essa nasceu, segundo diferentes documentos, em Gallio (VI) ou em Torrion di Bionde (VR), cidades costumamente povoadas pelos Dal Degan - a primeira originária da família, a segunda um destino dos filhos de Bortolo Dal Degan (1802-1883).

Sua origem, porém, é documentalmente incerta: os registros paroquiais italianos sobreviventes aos quais tive acesso não a apontam como filha de Bortolo Dal Degan, constatando com os seus certificados vitais que a colocam como sua filha do casamento com Anna Bonato.

Independentemente de sua filiação, Giovanna casou-se, na Itália, antes de 1864, com Giovanni Battista Agostini(1824-1903), natural de Enego, Vicenza, um comune pertencente à antiga Federação dos Setti Comuni, suprimindo, conforme costumes italianos, o seu sobrenome em seus filhos.

Seus filhos foram Lucia Maria (1864-?), Anna Maria (1866-?), Maria, casada com Luciano Fuzzato (1869-1938), Vincenzo (1871-?), Elisa (1873-?), Pietro Bortolo (1874-?), Benedetto (1878-?) Domenica (1880-?) e Luiz Agostini.

Os três primeiros nasceram em Enego (VI), até uma migração, entre 1871 e 1873, para Colognola ai Colli (VR), Soave (VR) e Belfiore (VR).

Faleceu em 27 de maio de 1910, em São João del Rei, onde vivia no Ribeirão de São Francisco Xavier.

Curiosamente, Domenica Agostini, filha de Giovanna, casou-se com Alexandre Zanzavio (1875-?), com possível ligação aos Zanzavio/Zansavio do Paraná. Seu filho Carlos Zanzavio, nascido em São João del Rei, foi batizado em 16 de julho de 1899 e teve como padrinhos Lorenzo Dal Degan e Francesca Todeschini, filhos de Giovanni Battista Dal Degan, filho de Bortolo, o que fortalece as evidências de sua filiação. Lino Zanzavio (nascido em 12 de julho de 1901), teve os padrinhos Bortolo Dal Degan e Virginia Verdolin, esse primeiro irmão do padrinho anterior, reforçando a possibilidade.

GIOVANNI DAL DEGAN – GIO BATTA

Conforme já abordado, o último núcleo familiar originário de Gallio (VI) a imigrar para o Brasil foram os irmãos Petronilla, Giovanna e Giovanni Battista Dal Degan. Nas duas últimas publicações, abordamos um pouco a vida das duas, cujos descendentes não adotaram o sobrenome. Agora, segmentaremos as postagens, focando na vida de Giovanni e, em ordem de primogenitura, seus filhos.

Giovanni Battista, segundo Dal Degan (2022), nasceu em 30 de agosto de 1844, ainda em Gallio (VI), filho de um dos primeiros Dal Degan a sair de

forma definitiva do município para residir na região de Belfiore (VR), Bortolo Dal Degan (1802-1883). Casado com Maria Sambugaro (Gallio, 1848 - Ronco all'Adige, 1937), as idas e vindas familiares internas na Itália certamente influenciaram a vida de Giovanni, que exercia a profissão de pastor e também de oleiro. Abriram, finalmente, possibilidades para uma vida nova, em um novo mundo.



Foto 1: Giovanni Dal Degan e Maria Sambugaro.

O Brasil da última década do século XIX era uma potência regional em decadência. Os altos custos da Guerra do Paraguai, a instabilidade social causada pelo golpe militar que derrubou D. Pedro II, a nova realidade da economia de exportação cafeeira e uma nunca antes vista incompetência política - aliada com regimes como o de Floriano Peixoto - havia forçado o país em uma rota de colisão que só seria aliviada com a eleição de Campos Sales. Essa situação, porém, atraiu uma plethora de italianos, cuja situação local parecia ainda pior, atraídos por promessas que, muitas vezes, não se concretizavam.

Nesse cenário que Giovanni, Maria e alguns de seus filhos, segundo registros do comune de Belfiore imigraram, em duas vezes (1894-1899) para o Brasil, estabelecendo residência. O patriarca, diferentemente de suas irmãs, porém, não se adaptou ao clima brasileiro (DALDEGAN NETO, 2000) , retornando à Itália após pouco tempo de residência. As condições da viagem, conforme Geraldo Daldegan - bisneto de Giovanni Battista - eram precárias: pelos relatos vieram nos "porões" dos navios, ou seja, na terceira classe, conforme indica uma das relações de passageiros.

Nesse período no Brasil, viveram em São João del Rei. Anos antes, em 1888, a cidade havia criado dois núcleos coloniais, a Colônia dos Marçal e a Colônia José Theodoro, que abrigaram as 22 famílias italianas, num total de 102 colonos (Buzatti, 2007), em 3 de dezembro de 1888. Na última, às margens do Rio das Mortes e próxima à fazenda do Pombal em Santa Rita, estabeleceram-se Giovanni Battista Dal Degan e família. A maioria dos colonos se dedicava à agricultura, especialmente a de hortaliças, deslocando-se na madrugada para vender a produção no Mercado Municipal, criado com essa finalidade, em 1893 (Ambrosio e Moraes, 2021), diferentemente das atividades de pastoreio que Giovanni era acostumado na Itália. Os ânimos iniciais eram elevados, porém, como cita Buzatti "era um bloco de homens robustos e de mulheres de faces coradas, de mãos dadas com suas crianças e acompanhados pelos mais velhos, que ante a admiração geral andavam lentamente, suspirando extasiados os ares de uma nova vida".



Foto 2: Cena de família de Luiz (Luigi) Daldegan, filho de Giovanni. Belo Horizonte, década de 1940.

A composição demográfica da Colônia mostra um pouco da diferença cultural: por um lado, a similaridade, em 1900, todos os 364 habitantes na Colônia eram católicos (Nicácio, 2018), por outro, contraste, visto que, mesmo com trabalho infantil nas famílias, 84% das crianças eram matriculadas nas escolas,

mostrando a valorização da educação entre os colonos. No restante do Sudeste, a taxa de matrícula não chegava a 13%.

As promessas do governo brasileiro, porém, falhariam, e até 1896, os colonos não tinham posse da terra. Esse período coincide com uma aproximação da data de retorno de Giovanni à Itália. Regressado já aos seus 50-60 anos, fixa residência em Scardevara, próximo a Belfiore (VR), onde vem a falecer em 7 de novembro de 1916.

No mesmo local, falece sua esposa, Maria Sambugaro, em 20 de junho de 1937, três anos após de ter pedido ao seu filho Giovanni (que não via a mãe a três décadas) para visitá-la antes de seu falecimento, com esse atendendo o pedido em 1934.



Foto 3: Visita de Irmãos de Giuseppe: Giacomo, João (Giovanni), Domenico, Bortolo, Lorenzo, Antonio. Visita de João Daldegan à Itália em 1934. Todos, exceto João, permaneceram na Itália.

Seus filhos foram Antonio (1870–1956), Giuseppe (1871–1961), Bortolo (1874–1953), Lorenzo (1875–1954), Pietro (1877–1944), Giuseppe (1879–1879), Catterina Zaramella (1880–1970), Luigi (1882–1948), Giovanni (1884–1968), Domenico (1886–1974), Giacomo (1888–1888), Giacomo (1891–1962), cujas descendências formaram a segmentação mais numerosa dos Daldegan no Brasil, especialmente Giuseppe, Pietro, Catterina, Luigi e Giovanni. Abordaremos individualmente suas histórias.

GIUSEPPE DAL DEGAN (FILHO DE GIOVANNI DAL DEGAN – GIO BATTÀ)

Em 6 de novembro de 1871, apresentava-se no comune de Belfiore, Província de Verona, o sr. Giovanni Dal Degan, filho de Bortolo, constatando a seguinte

notícia: no dia primeiro daquele mês, às 12:00, havia nascido uma criança, filho de Giovanni Battista Dal Degan (ele próprio), pastor, e Maria Sambugaro, naturais e domiciliados em Gallio, Província de Vicenza. O infante, do sexo masculino, foi nomeado Giuseppe Dal Degan.

Nascido apenas 10 anos após a unificação da Itália, Giuseppe experienciaria as dificuldades de um país que ainda tentava se estruturar em um cenário europeu dominado por estados-nação mais antigos e homogêneos. A queda da Serenissima Repubblica di Venezia e de estruturas políticas aliadas, como a Federazione dei Sette Comuni devido às invasões de Napoleão Bonaparte, geraria um vácuo de poder que não seria bem preenchido com a unificação, gerando caos, miséria, fome, razão da imigração de diversos imigrantes vênnetos, como se vê no caso do Talian (TOMASI, 2015).

Como visto antes, a situação levou a uma migração sazonal e, depois, permanente, para Verona. Em 28 de março de 1893, o pastor Giuseppe, então, aos 21 anos, casa-se em Ronco All'Adige com Samaritana Natalina Feder, natural de Ronco, nascida em 25 de dezembro de 1872, filha de Santo Feder e Giovanna Spiller. Não demorariam muito para zarpar dos pequenos comuni veroneses rumo ao Novo Mundo.



Foto 4: Giuseppe Dal Degan e Samaritana Feder

Dessa primeira viagem, pouco se sabe. Segundo pesquisas de Gê Daldegan (a serem publicadas), a família se mudou para São Paulo, onde permaneceram por pouco tempo, destino esse informado algumas vezes pelos Daldegan às autoridade de imigração. O que se pode afirmar é que em 21 de abril de 1895 foi batizada a primeira filha do casal, Anna Maria, na Igreja de Nossa Senhora

do Pilar em São João del Rey, tendo nascido no "último 12 de março". Entre 1895 e 1901, Giuseppe e Samaritana residiram na Colônia José Teodoro, em São João del Rey, próximo a Santa Rita, onde nascem João (22 de março de 1897) e Santo (3 de novembro de 1899). Os registros mostram duas imigrações catalogadas, ambas no final dos meses de novembro de 1897 e 1899, igualmente no vapor Colombo, o que coaduna o relato de Geraldo Daldegan, filho de Santo, que explicou que Samaritana veio grávida ao Brasil, viajando nos porões do navio, devido à falta de dinheiro para pagar.

MATRICULA DOS											IMMIGRANTES			
Data	N.º de entrada	NOMES	Certo de Governo	Parentesco	Sexo	Idade	Vapor	Estado	Religião	Sabe ler?	Nacionalidade	Procedencia	Profissão	Destino
22 Nov 1899	6657	Samaritana	Ly. 1899	Marido	M	34	Colombo	Desol.	Cath.		Italiana	Pará	Agricultor	S. Rita
		João		Filho	M	34	Colombo	Desol.						
		Luiz		Filho	M	20		Desol.						
23 Nov 1899	6658	Samaritana	Ly. 1899	Marido	M	34	Colombo	Desol.						Parassuranga, Pará
		João		Filho	M	34		Desol.						
		Luiz		Filho	M	20		Desol.						
		Marcelo		Filho	M	8		Desol.						
		Angela		Filho	F	3		Desol.						
		Netinha		Filho	F	1, 1/2		Desol.						
		Luiz		Filho	M	12		Desol.						
23 Nov 1899	6659	Dante	Ly. 1899	Marido	M	34	Colombo	Desol.						Parassuranga, Pará
		Luiz		Filho	M	31		Desol.						
		Marcelo		Filho	M	20		Desol.						
23 Nov 1899	6660	Dante	Ly. 1899	Marido	M	34	Colombo	Desol.						S. Rita, D. G.
		Luiz		Filho	M	31		Desol.						
		Marcelo		Filho	M	20		Desol.						
		Angela		Filho	F	17		Desol.						
		Netinha		Filho	F	3		Desol.						
		Luiz		Filho	M	25		Desol.						
		Marcelo		Filho	M	24		Desol.						
23 Nov 1899	6661	Dante	Ly. 1899	Marido	M	34	Colombo	Desol.						Parassuranga, Pará
		Luiz		Filho	M	31		Desol.						
		Marcelo		Filho	M	20		Desol.						
23 Nov 1899	6662	Dante	Ly. 1899	Marido	M	34	Colombo	Desol.						Parassuranga, Pará
		Luiz		Filho	M	31		Desol.						
		Marcelo		Filho	M	20		Desol.						
23 Nov 1899	6663	Dante	Ly. 1899	Marido	M	34	Colombo	Desol.						Parassuranga, Pará
		Luiz		Filho	M	31		Desol.						
		Marcelo		Filho	M	20		Desol.						
		Angela		Filho	F	17		Desol.						
		Netinha		Filho	F	3		Desol.						
		Luiz		Filho	M	25		Desol.						
23 Nov 1899	6664	Dante	Ly. 1899	Marido	M	34	Colombo	Desol.						Parassuranga, Pará
		Luiz		Filho	M	31		Desol.						
		Marcelo		Filho	M	20		Desol.						
		Angela		Filho	F	17		Desol.						
		Netinha		Filho	F	3		Desol.						
		Luiz		Filho	M	25		Desol.						
23 Nov 1899	6665	Dante	Ly. 1899	Marido	M	34	Colombo	Desol.						Parassuranga, Pará
		Luiz		Filho	M	31		Desol.						
		Marcelo		Filho	M	20		Desol.						
		Angela		Filho	F	17		Desol.						
		Netinha		Filho	F	3		Desol.						
		Luiz		Filho	M	25		Desol.						
23 Nov 1899	6666	Dante	Ly. 1899	Marido	M	34	Colombo	Desol.						Parassuranga, Pará
		Luiz		Filho	M	31		Desol.						
		Marcelo		Filho	M	20		Desol.						
		Angela		Filho	F	17		Desol.						
		Netinha		Filho	F	3		Desol.						
		Luiz		Filho	M	25		Desol.						
23 Nov 1899	6667	Dante	Ly. 1899	Marido	M	34	Colombo	Desol.						Parassuranga, Pará
		Luiz		Filho	M	31		Desol.						
		Marcelo		Filho	M	20		Desol.						
		Angela		Filho	F	17		Desol.						
		Netinha		Filho	F	3		Desol.						
		Luiz		Filho	M	25		Desol.						

Foto 5: Última viagem dos Dal Degan ao Brasil, 22/11/1899, Porto de Santos, Vapor Colombo. Fonte: Arquivo Nacional.

No ano de 1901, porém, residiam em outro local: na ocasião do nascimento do filho Luiz (Bito), registra-se como residência uma casa no Quimbucy, antigo bairro central em São João del Rey. Até meados de 1912, Giuseppe permaneceu na cidade setecentista, onde nasceu o filho caçula do casal, Pedro. Empregado na Ferrovia como maquinista, ou foguista - aquele que alimenta caldeiras a vapor - ou trabalhando com seus dormentes (relatos um pouco diferentes de dois netos), José (Giuseppe) acompanhou a chamada "bitolinha" da Estrada de Ferro Oeste de Minas até a região dos Costas, no limítrofe das cidades de São Gonçalo do Pará e Divinópolis, estação inaugurada em 1890

(Giesbrecht, 2015), no centro-oeste mineiro, lá se instalando. A Fazenda que se instalaram, na época, era conhecida como Cachoeira dos Costas.



Foto 6: Samaritana Feder, esposa de Giuseppe Dal Degan.

Pouco tempo depois, Giuseppe, descrito por Geraldo Moreira como um "italiano de alto coturno, agregado à fazenda e dedicado à cerâmica rústica [...], não sabia ler nem escrever, mas era vivo e trabalhador como poucos, além de forte como um touro" (MORAES, In: MOURÃO, 2005) foi oferecido uma fazenda, visto que um antigo compadre (Epifânio) iria se transferir para São Gonçalo. Devido à falta de fundos para adquirir a fazenda, o compadre ofereceu um negócio a Giuseppe: fiquei com a fazenda de porteira fechada e me pague com a renda da produção. A transação, apesar de aceita, causou desconfiança na época, muitos pensando que o italiano não conseguiria pagar, com a produção, a propriedade. Além disso, ele e a esposa proviam de famílias de pastores de ovelhas e, pela parte de Giuseppe, alguns oleiros, não entendendo muito sobre as culturas aqui praticadas nem sobre o gado que aqui se manjava.

Então com 43 anos, o agora brasileiro José se propôs a aprender sobre a cultura e a criação, junto com os filhos que com ele trabalhavam, com sucesso quase imediato. O casal era conhecido pela sua generosidade, com ele, após o desmanche das edificações que comprava, revendendo a baixo custo ou doando parte do material aos mais pobres e sua esposa por distribuir refeições, na porta de sua casa, àqueles necessitados (MOURÃO, 2005).

A união durou até à morte de Samaritana, em 29 de setembro de 1959. Pouco tempo depois, o velho Daldegan, com quase 89 anos, se juntou com e, obrigando o padre, casou-se pela segunda vez no religioso com Justina Paduani, que, após a morte da primeira esposa, começou a auxiliá-lo. Giuseppe (José), porém, faleceria em 29 de julho de 1961, vítima de uma arteriosclerose generalizada, sendo sepultado em Divinópolis.

O casal teve os filhos:

Anna Maria (1895–1965), João (1897–1940), Santo (1899–1999), Luiz (1900–1988), Joana (1904–1994), José (1905–1966), Norma (1908–1990), Antonio (1910–1988) e Pedro (1913–1987).



Foto 7: Família de Luiz (Bito) Daldegan, filho de Giuseppe, na fazenda dos Costas em São Gonçalo do Pará. Década de 1950 ou 1960.

GIOVANNI DAL DEGAN (FILHO DE GIOVANNI DAL DEGAN – GIOBATTÀ)

A 140 anos, no dia 13 de agosto de 1884, diante do oficial de Registro Civil de Gallio, Província de Vicenza, Giovanni fu Bortolo dizia ter nascido, em sua casa na localidade denominada Costa, um menino, filho de Dal Degani Giovanni e de Sambugaro Maria, que se chamaria, como o pai, Giovanni. O pequeno comune no Altopiano dei Sette Comuni não seria, porém, sua residência por muito tempo.



Foto 8: Passaporte de João Daldegan, datado da década de 1930, em seu processo de naturalização como cidadão brasileiro. Fonte: Arquivo Nacional.

Segundo seus documentos, teria partido de Gênova, chegando ao Brasil em 1 de novembro de 1899, desembarcando no porto do Rio de Janeiro com seus irmãos, tendo completado apenas 15 anos, presumivelmente direcionado-se a São João del Rei.

Na colônia italiana da cidade, cinco anos após, casa-se com a romagnola Thereza Baldini, adquirindo, pouco tempo depois, em 16 de maio de 1907, os lotes 4 e 4A da Colônia José Theodoro, antes pertencentes ao também italiano Lombel Christoforo. A vida na Colônia era difícil, baseada especialmente na agricultura, mas Giovanni buscou diferenciar-se por meio do trabalho com cerâmica e construção, o que levou, mais rapidamente, a uma melhor condição.

Em Janeiro de 1909, um grande terremoto atinge a Sicília e Calabria: grande parte dos imigrantes daquela colônia não eram daquelas regiões, mas sim do Vêneto. Não impediu, porém, a solidariedade, mesmo em tempos de uma Itália fragmentada, com os colonos, dentre eles Giovanni, contribuindo com 265\$500 (TEIXEIRA, 2011). Ao mesmo tempo, Giovanni, agora muitas vezes João e quase sempre Daldegan - junto, abasileirava-se: em 1918 votou, em

São João del Rei, como João Daldegan, nas eleições. Escolheu para presidente o ganhador Rodrigues Alves.

Entre 1918 e 1932, João muda-se para Juiz de Fora, onde estabelece uma companhia de artefatos de cimento, uma das primeiras da região, como consta o Almanak Laemmert de 1935. A empresa se expande, ganha vigor, abre filiais pelo Estado. Tudo vai bem, até o fatídico ano de 1942.

O Brasil de Vargas entra na Segunda Guerra Mundial oficialmente, contra o Eixo, que envolvia, até então, a Itália. Foi o estopim para uma perseguição à comunidade, com proibição de falar a língua italiana e congelamento de bens dos cidadãos italianos. João tem seus bens congelados, ameaçando seu sustento, e é obrigado a se naturalizar brasileiro, passando por um humilhante e demorado processo com a renúncia da própria cidadania.

Por meio desse processo, porém, confirma-se um dos primeiros retornos dos Daldegan à Itália, visto que em abril de 1934, João embarca, ao pedido da mãe de 84 anos, que queria vê-lo antes de morrer, ao país natal, a fim de vê-la e procurar tratamento para os problemas de saúde de sua esposa. João/Giovanni não via a própria mãe desde 1899. Ficou na Itália durante 6 meses, a única interrupção de residência em mais de 43 anos de Brasil, à época da naturalização.

Em 9 de dezembro de 1968, na cidade de Juiz de Fora, faleceu João Daldegan, italiano de 1,75 m, pele branca e olho castanhos castanhos, que chegou a formar-se a nível médio, auto descrito como indiferente à política, industrial, pioneiro e um amante do tiro esportivo e caça. Uma testemunha do desastre da Guerra para a comunidade.

Deixou os filhos Vitório Ângelo, João, Emma, Maria, Dino e Iracema.

EMPREENHIMENTOS NOS TRANSPORTES

Parte do envolvimento da família com os transportes inicia-se com Giuseppe Dal Degan, natural de Belfiore (VR). Na cidade setecentista, Giuseppe se torna envolvido com a Estrada de Ferro Oeste de Minas (EFOM), sendo foguista ou maquinista, e eventualmente trabalhando com os dormentes, seguindo a chamada "bitolinha" até São Gonçalo do Pará, onde se mudou em 1913.



Foto 9: Casamento da família em São Gonçalo do Pará, nesse caso, de Sebastião (filho de João Daldegan, neto de Giuseppe) e Maria Aparecida (filha de Luiz Daldegan, também neta de Giuseppe). Apesar do exemplo, a cosanguinidade era rara. 1954.

Pelos relatos de Haroldo Daldegan, em 1948, no pós-guerra, em um período ainda muito conturbado para os italianos no Brasil, um dos filhos de Giuseppe, Antonio, convida os sobrinhos José, Onofre e Sebastião, órfãos de pai e mãe, a iniciar a operação interurbana de ônibus, na cidade de Divinópolis. Na época, os ônibus, apelidados de jardineiras, ainda utilizavam carrocerias de madeira, especialmente considerando a condição ainda inicial da indústria do centro-oeste mineiro. Assim começaram as primeiras linhas, com destaque para Divinópolis-Bom Despacho, duas das maiores cidades da região à época. Nessa rota, em 1952, um dos sobrinhos, Onofre, acaba falecendo vítima de infarto, dentro do ônibus onde pernoitavam após o longo trajeto de estrada de terra. José, Sebastião e Antonio decidem partir caminhos, assim sendo criada, em 1957, a Viação São Cristóvão, sediada em Divinópolis, de propriedade de Antonio. Essa cresceu de forma exponencial, em destaque suas linhas até a capital paulista que acompanharam o ritmo de crescimento de Divinópolis, tornando-se rapidamente uma das maiores empresas de transporte do centro-oeste mineiro, atendendo mais de 50 linhas no país. Na época de sua fundação, era a primeira empresa do tipo em Divinópolis e operava a única

linha da cidade, com somente um veículo. Após a morte de Antonio, o controle da empresa permanece na família.

Já via informação de Eneida Daldegan, filha de Antônio, os fatos ocorreram da seguinte forma: Nasceu em Santa Rita, mun. de São João del-Rei. Por volta de 1947, adquiriu uma jardineira, iniciando a Empresa Santo Antônio com uma linha entre Divinópolis e Bom Despacho. Casou-se com Belchiorina Cançado Daldegan em 20/09/1951. Recebendo um sócio, mudou o nome da empresa para São Cristóvão e, ganhando a primeira concorrência pública, oficial, implantou o serviço de coletivos urbanos, enquanto ligava a cidade a diversas outras da região.

José Daldegan, por sua vez, fixa-se em Bom Despacho sendo pioneiro em boa parte das rotas intermunicipais, incluindo até a capital, Belo Horizonte. Essa viagem, antes da existência das rodovias modernas, durava 11 horas, sendo, porém, mais confortável e rápida que o trem da EFP, que para a mesma distância ultrapassava as 13 horas de viagem. A empresa conectava Bom Despacho a Santo Antônio do Monte, Dolores do Indaiá, entre outras. Após problemas de saúde, em 1977, José Daldegan vende a frota e linhas para seu irmão, Sebastião Daldegan, então dono da Viação Oeste de Minas.

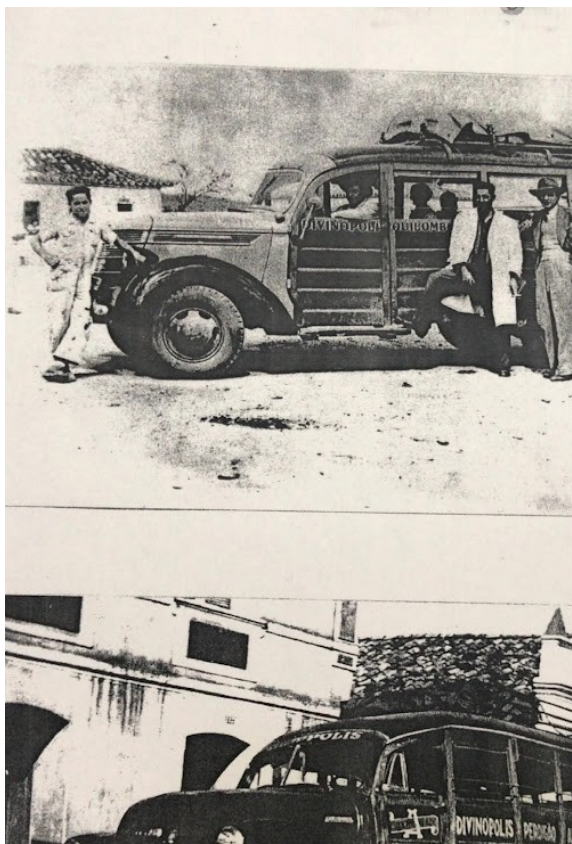


Foto 9: Ônibus de Antonio Daldegan, década de 40 ou 50, nos primórdios da Viação São Cristóvão.

A Viação Oeste de Minas, administrada por Sebastião Daldegan, expandiu-se também rapidamente em Divinópolis e o centro-oeste, com ramificações no transporte municipal da cidade. Após o falecimento de Sebastião, a empresa foi vendida.

Demais empresas de transporte via ônibus da família foram/são ADTUR, Viação Samaritana, Turística Daldegan, Vidatur, Expresso Daldegan (Itaguara/MG), Paratreis, Santa Clara, Transdaldegan e outras.

Referências bibliográficas:

AMBROSIO, Viginia; MORAIS, Christianni. Fotografia e infância rural: a Colônia José Teodoro pela lente de João da Costa (São João del-Rei, 1960-1970). X Seminário da Imigração Italiana de Minas Gerais, UFJF. 2020.

ARQUIVO NACIONAL. Processo de Naturalização de João Daldegan (Título Declaratório). 1944.

ALMANAK LAEMMERT. Edição de 1935.

BUZATTI, Dauro José. Raízes Italianas em São João del Rei. SJDR: Jornada de estudos sobre imigração italiana, 2007.

DAL DEGAN, Mattia E. Famiglia Dal Degan: Dai confini della Serenissima al cuore del mondo. 2022.

DALDEGAN NETO, José. Discurso para o Primeiro Encontro da Família Daldegan. Divinópolis, 21 de outubro de 2000.

DIVINÓPOLIS. Lei nº19, de 06 de junho de 1914. Isenta de impostos de indústrias e profissões, por dois anos, a firma João Daldegan & Irmão, para explorar a indústria cerâmica. Livro de Leis e Resoluções, nº1, Divinópolis, MG, 06 jun. 1914.

MOURÃO, Anamaria Luchesi. Mamma mia! os imigrantes italianos e a poeira de Minas. Divinópolis, MG: Ed. do Autor, 2004.

NICÁCIO, Karina Fernandes. Escolarização dos Imigrantes Italianos e seus Descendentes em São João del Rei – Minas Gerais (1888-1914). Dissertação de Mestrado (UFMG), Belo Horizonte, 2018.

TALIAN - La Nostra Vera Lingua Madre. Direção: Fernanda Tomasi. YouTube. 10 de abril de 2015. Acesso em: 19 de novembro de 2023.

TEIXEIRA, Maria E. Ser Italiano em São João del Rei (1888-1914). UFSJ, 2011.